

Ipê-amarelo

Tabebuia serratifolia (Vahl) Nichols.

Identificação

Família: Bignoniaceae.

Nomes vulgares: ipê, ipê-amarelo, ipê-do-cerrado, ipê-ovo-de-macuco, ipê-pardo, ipê-tabaco, ipê-uva, pau-d'arco, pau-d'arco-amarelo, piúva-amarela, opa e tamurá-tuíra.

Sinônimas: *Bignonia araliacea* Cham., *B. conspicua* Rich. ex DC., *B. flavescens* Vell., *B. serratifolia* Vahl, *Gelsemium araliaceum* (Cham.) Kunt., *G. speciosum* (DC.) Kunt., *Handroanthus araliaceus* (Cham.) Mattos, *H. atractocarpus* (Bur. & Schum.) Mattos, *H. flavescens* (Vell.) Mattos, *Tabebuia araliacea* (Cham.) Mor. & Britt., *T. monticola* Pitt., *Tecoma araliacea* (Cham.) DC., *T. atractocarpa* Bur. & Schum., *T. conspicua* DC., *T. flavescens* (Vell.) Mart. ex DC., *T. nigricans* Klotz., *T. patrisiana* DC., *T. serratifolia* (Vahl) G. Don, *T. speciosa* DC. e *Vitex moronensis* Mold.

Espécies relacionadas de maior interesse: outras espécies do gênero *Tabebuia* também apresentam flores amarelas, porém podem ser distinguidas de *T. serratifolia* através das seguintes características: *T. vellosi* possui corola de 8-10cm de comprimento; as flores coexistem com as folhas adultas; sua distribuição é restrita (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul). *T. alba* apresenta folíolos adultos glabros na face superior e denso tomentosos na face inferior; os frutos são revestidos por tomento aveludado; sua distribuição é restrita (Rio de Janeiro e Minas Gerais até o Rio Grande do Sul). *T. chrysotricha* é uma árvore de 4-10m de altura, que possui folíolos pubescentes em ambas as faces; os ramos novos e os pecíolos são cobertos por densa pubescência ferruginosa; as flores apresentam riscos avermelhados internamente no gargalo da corola; ocorre do Espírito Santo até Santa Catarina. *T. ochraceae* é uma árvore de 6-14m de altura com tronco tortuoso; os folíolos são muito rígidos e densamente pilosos, principalmente na face inferior; os frutos são pilosos. *T. umbellata* apresenta folíolos pubescentes em ambas as faces; os frutos são vagens deiscentes cilíndricas e compridas; ocorre em Minas Gerais, Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. *T. aurea* apresenta tronco tortuoso e ocorre na Região Amazônica e Nordeste até São Paulo e Mato Grosso do Sul. *T. caraiba* é uma árvore de 12-20m de altura com tronco tortuoso, que ocorre na Região Amazônica e Nordeste até São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Usos da espécie

A madeira é pesada, muito dura e resistente ao apodrecimento e ao ataque de fungos e cupins. Possui

superfície pouco brilhante, lisa, oleosa e de coloração pardo-clara até pardo-acastanhado-escura, com reflexos esverdeados. É moderadamente difícil de ser processada, porém apresenta secagem fácil e rápida. É empregada em marcenaria, construções pesadas e estruturas externas, tanto civis quanto navais. A árvore é utilizada em paisagismo e arborização urbana devido as suas atrativas flores amarelas; entretanto, não deve ser plantada próximo a residências ou em calçadas públicas, pois seu sistema radicular pode danificar o calçamento e a rede de esgoto e, ainda, causar o entupimento de calhas no período em que perde suas folhas.

Descrição botânica

A árvore atinge 5-25m de altura. O tronco cilíndrico reto pode medir 20-90cm de diâmetro e a copa 3-8m de diâmetro. A casca, de 10-15mm de espessura, é pardo-acinzentada, fissurada e desprende-se em pequenas placas. As folhas são opostas, digitadas e 5-folioladas. Os folíolos são oblongos, ovais a lanceolados, com ápice acuminado e base arredondada a acuneada; apresentam consistência membranácea a subcoriácea; superfície glabra em ambas as faces ou com pêlos nas axilas das nervuras secundárias da face inferior; a margem é serreada, crenado-serreada ou raramente inteira. As flores hermafroditas são livres ou em tríades curtamente pedunculadas, dispostas em conjuntos umbeliformes nas pontas dos ramos. O cálice e a corola apresentam estrutura tubular com cinco lóbulos. O cálice de coloração esverdeada é ligeiramente pubescente. A corola amarelodourada mede 6-8cm de comprimento. O fruto é uma vagem septicida, coriácea, glabra, linear, de 20-65cm de comprimento e 2,5-3,5cm de espessura. As sementes numerosas são retangulares, laminares, leves, com duas asas hialinas e curtas.

Ecologia

Ocorre no Brasil, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. No Brasil, estende-se da Amazônia e Nordeste até São Paulo. É uma espécie característica das florestas pluviais densas, desde o nível do mar até altitudes de 1200m, ocorrendo também em florestas secundárias e campinas. Prefere solos bem drenados.

Floração e frutificação

A floração é sincronizada, rápida e anual. No Pará, a floração ocorre entre julho e outubro e a frutificação entre outubro e novembro. No Acre, a floração ocorre entre

julho e agosto e a frutificação entre agosto e setembro. A floração acontece durante ou logo após a queda completa das folhas. Os eventos reprodutivos são observados em árvores com 8 anos de idade e 8-10m de altura, em áreas abertas, e em árvores com 10-15m de altura, na floresta. Os principais polinizadores são as abelhas. A dispersão das sementes é anemocórica.

Obtenção de sementes

As sementes são aladas e devem ser colhidas diretamente nas árvores ainda nos frutos. A mudança de coloração, de verde para marrom, e o início da deiscência dos frutos são bons indicadores do ponto de colheita. Os frutos colhidos devem ser acondicionados em sacos de ráfia para o transporte até o local de beneficiamento.

Beneficiamento

Os frutos devem permanecer espalhados, em local arejado, seco e à sombra, até surgirem fissuras na sua superfície. Em seguida, podem ser cortados longitudinalmente e levemente torcidos, visando a liberação das sementes. Um quilograma de sementes possui 18.000-34.000 unidades. As sementes podem ser submetidas à secagem, em câmara seca, até atingirem teores de água inferiores a 10%.

Armazenamento das sementes

As sementes possuem baixa longevidade em ambiente natural. Porém, foram classificadas como ortodoxas e, portanto, podem ser armazenadas sob refrigeração, em embalagens impermeáveis, após a secagem.

Germinação das sementes

As sementes não possuem dormência e a germinação é epigea. Sob temperatura de 25°C a 30°C, em torno de

6 dias, observa-se a protrusão da raiz primária; aos 11-13 dias, a plântula normal apresenta o hipocótilo e o primeiro par de folhas simples, opostas, com margem crenada. A porcentagem de germinação é elevada, podendo atingir até 100%.

Propagação vegetativa

Não foram encontradas informações sobre métodos de propagação vegetativa.

Produção de mudas no viveiro

A semeadura pode ser feita em canteiros ou em embalagens individuais, contendo solo argiloso rico em matéria orgânica, sob sombreamento de 70%. As sementes são dispostas sobre o leito de germinação e cobertas levemente com o substrato peneirado. A repicagem deve ser feita quando alcançarem 3-7cm de altura. As mudas podem ser transplantadas aos 5 meses da repicagem.

Fitossanidade

As principais doenças ocorrem nos viveiros e são causadas pelos seguintes fungos: *Asteromidium tabebuiae*, *Prospodium bicolor*, *Apiosphaeria guaranitica*, *Corynespora cassicola*, *Polychaeton* sp. e *Oidium* sp. Os métodos de controle são específicos para cada doença.

Autoras

Lucimar Ferreira, lucimar.araujo@ac.gov.br
 Dalciney Chalub, dalciney.chalub@ac.gov.br
 Rejane Muxfeldt, rejane.elize@ac.gov.br
 Fundação de Tecnologia do Acre
 Av. das Acácias, Lote 01, Zona A, Distrito Industrial,
 CEP. 69917-100, Rio Branco-AC, Brasil
 Tel: (68) 229-2994 Fax: (68) 229-1665

Bibliografia

- Ferreira, F.A. 1989. Doenças dos ipês. In: Ferreira, F.A. **Patologia florestal**: principais doenças florestais no Brasil. Viçosa, SIF. p.369-419.
 Lorenzi, H. 2002. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v.2. 4.ed. São Paulo, Nova Odessa. 368p.

- Loureiro, A.A. *et al.* 1997. **Essências madeireiras da Amazônia**. v.3. Manaus, Inpa. 144p.
 Machado, C.F. *et al.* 2002. Metodologia para condução do teste de germinação em sementes de ipê-amarelo (*Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nicholson). **Cerne**, 8:18-27.
 Rizzini, C.T. 1971. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**: manual de dendrologia brasileira. São Paulo, Edgard Blücher. 304p.

Expediente

Informativo Técnico Rede de Sementes da Amazônia é uma publicação da Rede de Sementes da Amazônia, projeto financiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente/MMA. Este informativo, assim como as fotos, estão disponíveis no endereço: <http://www.rsa.ufam.edu.br>

Instituições parceiras

Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Estadual do Amazonas (UTAM); Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA); Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/AM/PA/RR); Fundação de Tecnologia do Acre (FUNTAC); Instituto Rondônia de Alternativas de Desenvolvimento (IRAD); Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA); Associação das Empresas Exportadoras do Pará (AIMEX); Agência de Desenvolvimento da Amazônia (ADA); e Centro de Pesquisas Ecológicas da Amazônia (CEPEAM).

Conselho Editorial

Isolde D. K. Ferraz, Sidney A. N. Ferreira e Daniel F. O. Gentil - INPA, Manaus-AM
 Coordenação do projeto: Manuel Lima - UFAM, Manaus-AM
 Projeto gráfico e Editoração: Tito Fernandes

Versão impressa ISSN 1679-6500 Versão on-line ISSN 1679-8058

Apoio



Fale conosco

Para maiores informações e troca de idéias, participe da lista sementes-da-amazonia-@inpa.gov.br, para solicitar cadastramento na lista envie mensagem para sanf@inpa.gov.br.